

VARGAS VILA

Dizem, é farta, os **psychologos** nenhuma doutrina que pudesse es-
que o pessimismo e o **humour** colli-
nem com a índole da raça latina. de seu espirito em desacreditar e
Si não a regra sem excepção, essa destruir; todas as suas obras são
das que melhor justificam o di-
ctado. Certo, nunca o humorismo
dos escriptores inglezes vingará
aqui com o viço que lhe dá a raça
germanica, pois, como diz Taine,
a palavra **humour** é intraduzível
para os povos latinos, pela simples
razão de não existir para elles essa
cousa. Não se diga porém que o
humorismo seja um patrimonio dos
escriptores filhos das terras frias
do norte da Europa ou da Ameri-
ca e que aos latinos não é dado cul-
tival-o ainda que moldado mais de
conformidade com seu gosto ou
sentimento. Que é errônea essa sup-
posição, provam-no sobejamente
os escriptos, do, sob muitos pontos
de vista, notavel belletrista co-
lombiano Vargas Vila. Nelles se
notam **humour** além de um pes-
simismo à Schopenhauer e uma
originalidade acima do vulgar, da-
da a quasi geral subserviência dos
pensadores americanos aos cory-
pheus estrangeiros.

Assim, Vargas Vila, apesar de
latino-americano, conseguiu um lo-
gar de destaque fóra do torvelinho
dos imitadores de toda a casta, que
formigam em algumas das chama-
das classes intellectuaes da maio-
ria das nações americano-latinas;
só isso bastaria para elevar sua
personalidade de pensador e de bel-
letrista, acima da maioria dos emu-
los que conta no Novo Mundo.

Diz Taine que um dos traços
predominantes no **humour** é o es-
quecimento do publico. "L'auteur
nous declare qu'il ne soucie pas de
nous, qu'il n'a pas besoin d'être
compris, ni approuvé, pense et s'a-
muse tout seul et que si son gout
et ses idées nous déplaisent, nous
n'avons qu'à de decamper. Il veut
être raffiné et original tout a son
aise, il est chez lui dans son livre
et porte closes, il se met en pan-
touflés, en robe de chambre, bien
souvent les pieds en air, parfois
sans chemise".

Não pôde haver pintura mais
perfeita de Vargas Vila escriptor,
do que essa. "Pensa livremente e
escreve como pensa". "Não aspira
a que os outros escrevam como elle;
conforma-se em não escrever como
os outros". "Não impõe seu estylo
como regra; porém não segue as
regras do estylo". Não faz empen-
ho em ser comprehendido por
muitos.

"Ha paizes e ha momentos", diz
elle. "em que a admiração é um
perigo e é um insulto; eu temo o
momento em que seja comprehen-
dido em meu palz; esse será o de
meu declínio; espero nunca chegar
a esse grau de imbecillidade..."

Vargas Vila, como os humoristas
de que fala Taine, trata os leitores
com a maior semcerimonia. Põe-se
frequentemente de chinelos e, o
mais das vezes, em mangas de ca-
misa. A outra feição notavel, em
Vargas Vila, o pessimismo, é tão
accentuada, que o escriptor italiano
Maria Turiello dizia, ha tempos, na
Vela Latina, de Napoles, que "deixa
quasi aterrorizado a quem tiver
chegado até ás ultimas conclusões".

No seu celebre estudo sobre Swift,
diz o autor da *Histoire de la litera-
ture anglaise* que aquelle escriptor,
vendo o mal e a desordem, ignorando
o bem e a harmonia, não encontra
nenhuma causa que pudesse prezar,

tabelecer e empregou toda a forga
de seu espirito em desacreditar e
destruir; todas as suas obras são
pamphletos. Ao pessimismo de Var-
gas Vila não se pôde, tambem, at-
tribuir origem diversa. Infenso ao
babugismo servil com que são tra-
tados os caudilhos e olygarchas por
certa classe de escriptores, assás nu-
meroses na America latina, o exil-
tado de Ibis e de Alba
acostumou-se a encerrar, com
desdem e odio, aquelles que após
mais de um seculo de luctas não
ograram estabelecer em sua patria
sinão a estabilidade da anarchia.

"Os trinta volumes de Vargas Vila,
diz Palacio Viso, "são mais que um
monumento literario; são uma co-
lumbina de fogo perennemente em
marcha, á cabeça dos povos oppri-
midos". Luctar contra os oppresso-
res é, para Vargas Vila, mais que
um dever, uma obrigação, de todos
os escriptores latino-americanos que
prezam a liberdade. "O grande cum-
plice da tyrannia", diz elle, "é o
silencio", e "não atacar o despotis-
mo é a maneira mais covarde de
servil-o". Esse seu modo de pen-
sar, expresso principalmente desde
1894, anno em que dirigia de Nova
York seus ataques aos caudilhos da
America hespanhola, valeu-lhe não
poucas desavengas e deu em resul-
tado insulal-o fóra do convívio de
grande parte dos escriptores seus
patricios, o que foi um de seus
maiores triumphos, pois contribuiu
para o desenvolvimento de sua qua-
lidade característica, a originalida-
de. Esse sainete innato nelle resu-
da principalmente de sua maneira
de pensar, completamente livre. De-
vido á sua forga de imaginação os
seus patricios não se contentaram
em chamar-lhe de Hugo americano.
Frequentemente os admiradores,
que os possui em códia, addicionam
a seu nome o qualificativo emphati-
co de el divino.

A despeito de algumas das suas
qualidades serem mais communs
entre os escriptores europeus que
entre os do Novo Mundo, Vargas
Vila é sob qualquer ponto de vista
um americano-latino e, mais do que
isso, um filho dos tropicos. Pode-
se até dizer que a feição europeia
de alguns de seus usos literarios na-
da mais é que uma hypertrophia de
sua natureza de americano. De fa-
cto, o amor á liberdade é, não se
pôde negar, um sentimento profun-
damente americano, ainda que ás
vezes mal comprehendido. Vargas
Vila conheceu-o tambem desenvol-
vendo-o mais tarde com o conheci-
mento das modernas theorias liber-
tarias. Dahi o odio que se acostumou
a nutrir por toda espécie de ty-
rannia e que fez que se entre-
gasse, desde ha quasi trinta annos,
a um exílio voluntario que concor-
reu bastante para approximal-o
ainda mais daquellas theorias. Diz
Borne que de cada mil pensadores
existe apenas um original; o exílio
concorreu para que se desenvolve-
se em Vargas Vila o raro dom de
pensar por si. Não deixou de ser ri-
diculizado como o são todos os
originaes. O sr. Gerardo de Matos
Avilez, escriptor "insonoro y ama-
ble", dizia em seu livro "Del Estilo
y de la Idea" que, "si Vargas Vila
escrevesse em hespanhol, seria o
primeiro escriptor da America e,
ainda (sic) da Hespanha. "Sem em-
bargo dessa asserção ironica, o pro-
prio sr. Avilez acha a prosa de Var-
gas Vila consubstancial com a sua

personalidade brilhante e tumultuo-
sa. Essa é, aliás, a impressão de to-
dos nós, ao lermos ao acaso qual-
quer escripto seu. Diz um escri-
tor hespanhol, citado por elle mes-
mo em seu livro **Laureles Rojas**,
que ella é "contorsionada y lumino-
sa como una zarza ardiendo". Ou-
tro affirmou ser ella "personal y raro, o sublime. Sempre eurithmi-
ca, energica, encantadora, ainda
que as vezes um nadinha insossa.
A primeira impressão que se
constitue um dos melhores at-
testados de sua individualidade
propria.

Um estudo completo e aprofun-
dado sobre Vargas Vila devera
tratar de sua personalidade, mais
na qualidade de belletrista, quero
dizer, de romancista, novellista,
poeta, conteur, e mesmo, na de
philosopho, que na de escriptor
politico ou de historiador. A pu-
blicistica e a historia são, para
elle, simples motivos para expan-
são de suas idéas em philosophia
e esthetica. A despeito disso, Var-
gas Villa é o typo do escriptor
combativo; em todas as suas obras
se notam resquícios de sua veia de
combate. Si delle não se pôde di-
zer, com muito propriedade, que
todas as suas obras são pamphle-
tos, como de Swift disse o autor
de *La Philosophie de l'Art*, não
se pôde negar que em todas ellas
ha um fim a attingir. Seus pro-
prios romances e novellas, como os
de Zola, pugnam por um ideal que
transparece e desde as primeiras
paginas da obra.

Outra feição tropical de sua pro-
sa é o entusiasmo que chega a
transpôr as raias do exaggero. Até
nesse ponto ha identidade entre os
dois caracteres. Vargas Vila não
se rebuca em elevar ás cumiadas
um individuo, como não tergiver-
sa em chafurdal-o no lodo. Os elo-
gios exaggerados como as verrinas
violentas são frequentes em seus
escriptos. Não conhece meios ter-
mos. Suas opiniões são sempre de-
cisivas.

Haja vista, por exemplo, o que
nas suas obras politicas diz dos
despotas sul-americanos, ou de al-
guns soberanos mais ou menos ab-
solutos do Velho Mundo. Dentre
estes ultimos um dos mais alve-
jados foi o mallogrado czar Nico-
lau. Assim o descreve: "pequeno,
magro, de uma palidez cerosa de
idiotia, en que apenas parpadean
dos ojos vagos, lagunares, de un
verde turbido, de aguas muertas;
una barba rubia de melaza, tenue;
como adornando el menton de un
adolescente equivoco; una nariz
mongolica, de fauces abiertas co-
mo de una bestia de presa. Los
pomielos salientes de animal car-
nicero; la boca, de una sensuali-
dad feminil y brutal, al mismo
tiempo; el cabello lacio e corto, al-
go erizado como una piel de cha-
cal; lugubre y pueril; el especimen
completo del degenerado de Lom-
broso".

Por outro lado, é extraordinario
o modo por que louva seus admi-
rados. Basta ler seu livro sobre
Ruben Dario, que leva a alturas
a que nunca autor algum collocou
Homero ou Virgilio. De Zola, diz,
que confina, por um lado com Ho-
mero, por outro com Eschylo.

Carlyle, ao qual não regateia elo-
gios e a respeito de quem diz que
desde Eschylo nenhuma voz sou-
tão alto, estupefica-lhe, todavia,
pelo amor que dedica á forga, a
ponto de fazel-o dizer: "Carlyle
que teve a paixão da Justiça, ca-
receu da paixão da Liberdade".

Odeia a todas as modalidades da
força, desde a dos atletas até á
dos grandes guerreiros. Alexandre
lhe parece um bruto bellico, em
nada distincto de Bucephalo (pa-
lavras textuaes). Julio Cesar des-
perta-lhe alguma admiração, pela
sua nobre intellectualidade e que
não o impede de reprovar o seu
acto atravessando o Rubicon para
assassinar a republica pompeana
"ainda que esta fosse tão misera-
vel e falsa como o seu chefe". De
Napoleão, a que elle chama de
"condottiere epileptico", nada ad-
mira, nem sequer "o immerecido
de sua fortuna". O odio á forga e
tambem, consequentemente, á ty-
rannia, é o fundo de quasi toda a

S. Paulo.
Sergio Buarque de HOLLANDA

Jo
Correi Paulista
de 4 de junho de 19